

batado na sublimidade da sua teologia, eu não me lembrava senão de Deus, não podia admirar senão a bondade e a sabedoria de Deus.

Vi João elevar-se de novo, depois de vos ter falado, e transpôr as nuvens de ouro que servem de pavimento à morada dos justos.

Vi-o finalmente, antes de desaparecer às minhas vistas, dizer-me e repetir-me com indescriptível emoção:

“Caro irmão, estuda, ama e espera. A minha sabedoria é uma gota de orvalho, o meu amor uma minúscula faísca, a minha felicidade uma sombra. Estuda, ama e espera, e o teu entendimento alcançará luzes que o meu ainda não vislumbrou, e o amor transformará o teu coração em uma chama inextinguível, e a tua ventura irá além dos teus desejos. Estuda, irmão; ama e confia em Deus.”

E caí abismado em funda meditação. Considerava a minha pequenez e orava.

Orava, irmãos, orava e sentia-me regenerado; orava e sentia germinar no meu coração as esperanças de João. Orava, meus irmãos, e orarei eternamente a Deus, porque, sem o seu paternal auxílio, jámais poderei alcançar o amor e a sabedoria de João.

Oremos todos, meus irmãos; ajudai-me a orar:

Deus eterno, Pai misericordioso, estende tua mão aos meus irmãos que choram nas misérias da carne, e não olvides os que choram nas trevas do espírito!...

Graças, Deus meu!

XI

Os homens novos que vieram á Terra para cumprir uma sentença olham para os homens antigos da Terra com orgulhoso desprezo, considerando-os indignos do seu convívio, e resolvem nos seus conselhos dominá-los e abatê-los.

No paraíso, elles abusaram da mansidão e da simplicidade de coração dos seus irmãos; na Terra abusarão da sua ignorância.

Hontem se julgaram superiores, e o seu entendimento foi confundido e o seu orgulho foi humilhado pela justiça; hoje, julgam-se de novo superiores, e serão confundidos no seu entendimento e humilhados no seu orgulho.

Já o sabeis até quando.

Lavram a pedra, a madeira e o ferro, porque o seu orgulho precisa de castelos; a sua sensualidade, retiros de prazeres; e a perversidade dos seus sentimentos, instrumentos de opressão e de morte.

Vieram á Terra como peregrinos, e ficarão residindo nela, porque construíram aí moradas para o seu coração, e palácios para o seu orgulho.

Irão e voltarão; porque, ao partir, as suas almas não abandonam as chaves das moradas que edificaram na Terra.

Vão e voltam, e tecem vestidos de vaidade para os seus corpos, e túnicas de corrupção para as suas almas.

Andam rastejando sobre as harmonias da criação, não para buscar nelas Deus e virtude, mas para acomodá-las aos gozos da matéria.

Sentem nos seus corações um desejo celestial; mas, o seu entendimento ofuscado desvia as suas consciências e só lhes fala aos sentidos.

O seu Deus é a carne, porque não pressentem outros prazeres além dos grosseiros da carne.

Levantam na sua alma altares a todas as paixões que a corrompem, mas não se lembram do Deus de Justiça e Misericórdia.

Uma intuição luminosa, espécie de pressentimento, lhes fala de um Sêr supremo e da responsabilidade humana; porém, o seu orgulho tem tão fundas raízes, que

êles protestam contra a existência d'Aquele que com um sopro poderia aniquilá-los.

Êles referem tudo ao presente; pelo que, a sua atividade e os seus esforços não se encaminham senão á satisfação dos seus instintos e das suas paixões, esperando depois da morte o silêncio, a decomposição... o nada.

Fogem de Deus; mas, o peso das suas misérias e as calamidades que atraem sôbre êles o furor desenfreado do seu orgulho, fazem-n'os sentir Deus pelo terror.

Odeiam-n'ô, temem-n'ô, oferecem-lhe secrifícios de sangue para acalmar as suas iras e afastar a sua vingança, porque acreditam que o Divindade é miserável e vingativa como êles.

Se alguns dêles falam de Deus, é sempre do Deus que se faz ouvir na voz da tempestade e que no raio manifesta o seu poder.

Não temem outros castigos além das enfermidades, a inundação, o incêndio, a espada e o extermínio, nem esperam outros bens que não sejam as comodidades e os gozos dos sentidos durante os longos anos da sua vida terrena.

De tempos a tempos, de geração em geração, aparecem no seio da humanidade, como archotes no meio das trevas, como modêlos para imitação, homens virtuosos e humildes que lamentam os êrros do mundo. São me-teóros que Deus envia da região da luz para despertar os que dormem no lodo.

Outros vêm armados da palavra e do espírito de Deus, e apregoam o seu nome e o seu poder. Arrojam palavras de fogo, de destruição e de morte, as únicas capazes de domar as rebeldias humanas. Trazem na mão direita a promessa, e na esquerda uma espada flamejante. São os Gênios de que precisa a humanidade no apogeu da concupiscência.

A raça dos homens novos propaga-se com assom-

brosa rapidez: invade a Terra e dela se assenhoreia.

Sujeita ao seu domínio as raças primitivas, depois de destruir as suas tendas pelo ferro e pelo fogo.

Contudo, na servidão e nesse contacto com os seus dominadores, elas aprendem os primeiros rudimentos da virtude, e adquirem pela cultura do entendimento os primeiros elementos do poder.

Haverá recém-vindos que serão dos primeiros a chegar, e muitos que vieram primeiro, cairão sete vezes no caminho e chegarão, por último, ao declinar da tarde.

A Terra sofre grandes perturbações; o mundo físico e o mundo moral caminham paralelos no cumprimento da lei.

Á invasão das paixões no coração do homem, corresponde na Terra a invasão das águas. O homem vomita do seu seio o fogo nelas ateado pela lascívia e pela iniquidade: a Terra arroja das suas entranhas, pelos seus formidáveis vulcões, imensos turbilhões de fumo e matérias derretidas que assolam fertilíssimos países.

Nessas comoções terrenas e morais, os homens desaparecem em legiões inumeráveis, e vão ao juízo; uns descem para sofrer provas afim de se purificarem; outros para repararem faltas; depois do que todos voltam de novo.

Estes morrem debaixo das águas, aqueles sob as ruínas, outros no fogo, e outros á espada.

As calamidades caem sem interrupções sôbre os povos.

Hoje, é êste que sente o peso da mão do Senhor; amanhã, é aquele.

E tudo é misericórdia, nada mais que misericórdia:

Porque, os homens esquecem na carne os seus propósitos — e a misericórdia concede-lhes períodos de reflexão, nos círculos espirituais, para recordá-los, renová-los e fortalecê-los.